

## DA PRÁTICA AMPARADA PELA TEORIA: UM OLHAR HISTÓRICO-CULTURAL NA BUSCA PELO ENCONTRO EM EXPERIÊNCIA DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Practice supported by theory: a historical-cultural view in search of the encounter in the teaching experience of the Portuguese language

**Anderson Jair Goulart**

<https://orcid.org/0000-0001-5158-0656>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Contato: [anderson.goulart@ufsc.br](mailto:anderson.goulart@ufsc.br)

**Daniela Campregher**

<https://orcid.org/0009-0004-1556-7912>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Contato: [danielacampregheferreira@gmail.com](mailto:danielacampregheferreira@gmail.com)

**Waléria Nunes**

<https://orcid.org/0000-0001-5073-7906>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Contato: [nuneswaleria@gmail.com](mailto:nuneswaleria@gmail.com)

**Resumo:** A formação docente em Língua Portuguesa faz-nos percorrer um longo caminho até a apropriação dos diferentes construtos teóricos e metodológicos endereçados aos profissionais da linguagem. Ao final do curso de graduação em Letras-Língua Portuguesa e Literaturas, os estudantes vão às salas de aula pela primeira vez, enquanto professores, imbuídos de materiais físicos — giz, canetões, jalecos — e intelectuais para tomar a frente do processo de mediação do ensino e da aprendizagem. A partir deste deslocamento realizado pelos autores, este trabalho apresenta um movimento que entendemos necessário entre a teoria histórico-cultural e a prática docente realizada no 9º ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, no primeiro semestre de 2023. Sob diferentes olhares que movem um caleidoscópio, essencialmente bakhtiniano, refrataremos a teoria e a prática na construção de novas perspectivas, e cores, à tradição

docente, partindo do gênero discursivo entrevista e de uma temática condutora: o tensionamento entre o central e o marginal. Com o objetivo de refletir sobre os entrecruzamentos teórico-práticos, buscaremos responder se a apropriação de teorias de base histórico-cultural consolidou o encontro — pensado a partir do conceito ponziano — nas aulas de Língua Portuguesa no percurso de estágio realizado.

**Palavras-chave:** Teoria histórico-cultural; Prática; Encontro; Entrevista.

**Abstract:** The training of Portuguese language teachers takes us a long way towards the appropriation of the different theoretical and methodological constructs addressed to language professionals. At the end of the undergraduate course in Portuguese Language and Literature, students enter the classroom for the first time, as teachers, equipped with physical materials (chalk, markers, lab coats) and intellectual materials to take the lead in the mediation process of teaching and learning. Based on this displacement made by the authors, this work presents a movement that we believe is necessary between the cultural-historical theory and the teaching practice carried out in the 9th grade at the Application School of the Federal University of Santa Catarina, at the first semester of 2023. Under different views that move a kaleidoscope, essentially Bakhtinian, we will refract theory and practice in the construction of new perspectives and colors to the teaching tradition, starting from the discursive genre interview and a conductive theme: the tension between the central and the marginal. In order to reflect on the theoretical-practical intersections, we will try to answer whether the appropriation of cultural-historical theories consolidated the encounter (thought from the Ponzian concept) in the Portuguese language classes during the teaching internship.

**Keywords:** Cultural-historical theory; Practice; Encounter; Interview.

## Um primeiro passo que requer de nós apropriação

Diversas são as discussões e aprofundamentos realizados no percurso da graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas. Diante do desafio para formação de futuros professores de Língua Portuguesa, realizaram-se discussões e trabalhos aprofundados de fundamentação, entrecruzando-se diversas abordagens e metodologias para o ensino da língua. No último ano de graduação, a teoria se faz, mais do que nunca, necessária para pensar-se a prática, que culmina nos estágios obrigatórios de Língua Portuguesa.

Tomando a aula como acontecimento (Geraldí, 2010), buscamos uma formação que olhe para o encontro polifônico de vozes sociais que se fundem em uma sala de aula, mais especificamente, na aula de Língua Portuguesa. No escopo dessa disciplina, consideramos que para além dos saberes canônicos, faz-se necessário o desenvolvimento pleno dos estudantes como leitores e escritores, indo adiante da funcionalidade imposta nas relações sociais regidas por uma lógica mercadológica ou bancária (Cerutti-Rizzatti; Irigoite, 2015 & Freire, 1987). Ademais, compreendemos a pluralidade de enunciados que compõem a escola, sendo que, no decorrer da vivência dos alunos, irão se deparar com os mais diversos gêneros discursivos, sejam orais ou escritos, de diferentes esferas da atividade humana.



Assim sendo, cabe, também, às aulas de Língua Portuguesa, contemplar e expandir essas interações, indo desde os gêneros primários, ligados às esferas cotidianas — avisos, receitas, bilhetes, etc. —, aos gêneros secundários, priorizando-se esses, considerados através de uma maior sistematização e complexidade, como poesia, entrevista, romance, teatro, resenha, entre outros, enfim, àqueles gêneros que carregam um conjunto maior de vozes e que prezam pelo convite à contrapalavra do outro, em acordo sobretudo com o olhar bakhtiniano.

Considerando esse cenário, em busca de pensar uma prática conduzida pelo olhar teórico, neste caso, de base histórico-cultural, considerando a apropriação de conceitos fundamentais para o ensino e a aprendizagem que visem ao encontro<sup>1</sup> (Ponzio, 2010) e a formação de um sujeito crítico historicamente situado capaz de ler o mundo e os enunciados que o cercam, propomos um trabalho que consolide a autoria e o processo de análise linguística dela decorrente acerca do gênero discursivo entrevista, tomando como sustento os pressupostos bakhtinianos e vigotskianos. A entrevista, objeto norteador da prática docente aqui particularizada, apresenta-se como um exemplo de gênero secundário, dado que se constitui em esferas de sistemas ideológicos complexos (com base em Bakhtin, 1997).

Em nosso contexto como estagiárias docentes e futuras docentes de Língua Portuguesa, sob orientação do Professor Doutor Anderson Jair Goulart, realizamos, após um longo período de formação, nossa primeira inserção na sala de aula, enquanto professoras, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, localizado em Florianópolis. Nossas aulas aconteceram na turma do 9º C do Ensino Fundamental, composta por 25 alunos, durante o período de quatro semanas ininterruptas. A Professora de Língua Portuguesa da turma, Dra.<sup>a</sup> Lisiane Vandresen<sup>2</sup>, concedeu-nos este período de regência com muito acolhimento e orientações acerca de um trabalho com a língua em um contexto que requer ausculta<sup>3</sup> e atenção com quem é o nosso alunado. Essa ideia converge com o olhar teórico que nos identifica como pesquisadores da área de Linguística Aplicada e de Literatura e, em igual medida, com uma postura que seja coerente com essas mesmas áreas epistemológicas. Para tanto, não podemos ser indiferentes ao outro (Ponzio, 2010), à voz que nos conclama enquanto professores e interlocutores mais experientes dos nossos alunos. Antes desse movimento, fez-se necessário um primeiro contato com a classe durante as observações das aulas da professora regente, ao longo de também um mês, para que pudéssemos criar um vínculo com a turma e analisar seu modo de funcionamento habitual, antes de planejar detalhadamente o modo de operacionalizar e conduzir os conteúdos.

Objetivamos neste artigo, portanto, particularizar discussões de base histórico-cultural que sustentam o percurso da prática docente por nós vivenciado neste período, através de

---

<sup>1</sup> Abriremos o conceito mais à frente neste artigo.

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras pela Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste (1989), graduação em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999), Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2006), e Doutorado em Educação e Sociedade, na Universidade de Barcelona. Atualmente é professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Colégio de Aplicação da UFSC.

<sup>3</sup> Ausculta nos remete à discussão filosófica ponziana de *calar fundo*, levando-nos a pensar o outro e a ele ser não-indiferente (com base em PONZIO, 2010).

uma questão condutora das reflexões aqui compartilhadas: a apropriação de teorias de base histórico-cultural consolida o encontro (Ponzio, 2010) nas aulas de língua portuguesa no percurso de estágio realizado? Se sim, de que modo o faz?

Queremos evidenciar, de antemão, que não se trata apenas de se fazer conhecer esse percurso, mas de enfatizar o quanto é primordial que os estudantes de Letras-Língua Portuguesa e Literaturas se apropriem das diferentes teorias ao longo de seu processo de formação inicial, fazendo as escolhas necessárias e condizentes com o desenvolvimento da docência. Isso quer dizer que dar aulas, em nosso entendimento, significa realizar seleções metodológicas que conversem com as práticas de nossos alunos, numa busca por ampliá-las constantemente. A fim de conduzir essas discussões, refrataremos, como num caleidoscópio, uma relação ativa e dinâmica que ressignifica a teoria e os processos de ensino e de aprendizagem a ela vinculados e desenvolvidos na disciplina de estágio por meio de três momentos: observação, planejamento e regência.

## Um caminho em construção

### *Primeira rota: observar*

Nosso primeiro desafio no estágio de docência foi estabelecer um vínculo mais estreito junto aos alunos do 9ºC. Em consonância com a noção vigotskiana de aprendizado como categoria essencialmente social, nos orientamos primeiramente em nosso período de observação a estabelecer relações efetivas com o alunado. Para Vigotski, vale salientar que

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas [...], e, depois, no interior da criança [...]. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos (Vigotski, 2008, p. 57-58).

Deste modo, a partir de uma concepção de ensino em que pesa o âmbito relacional e afetivo entre os sujeitos, após nos apresentarmos e contextualizarmos nossa presença em sala, adotamos uma dinâmica interativa que consistia em trocar informações com os participantes da aula, nós, os alunos e a professora de português da turma. As perguntas colocadas a cada um solicitaram: (i) seus nomes; (ii) livro favorito ou que mais os marcou; (iii) série televisiva preferida; e (iv) gênero musical que mais gosta. Conforme a exposição dos participantes acontecia, conexões e identificações foram estabelecidas entre os interactantes, criando uma maior aproximação entre todos. Percebemos essa interação de forma bastante positiva, havendo uma troca entre eu-outro naquele evento aula. Attingir o exercício constante de (re)conhecer as singularidades dos discentes nos foi muito caro durante o período de observação, pois nós os compreendíamos desde aquele princípio de interação como sujeitos únicos (Gerald, 2010).

Compreendemos que, ao partirmos de sua realidade mais imediata, no tensionamento constante com o que ainda é desconhecido por eles, possibilita-nos a ampliação do repertório discente com novas vivências, como preconizado em uma perspectiva discursiva.

A reação-resposta da maioria dos alunos permitiu-nos conhecer seus gostos, embora alguns deles apresentassem maior resistência. Outra questão que nos chamou atenção nesta primeira interação foi a frase “eu não gosto de ler” proferida algumas vezes. A tônica negativa conferida ao ato de ler naquele primeiro momento nos colocou diante de um desafio bastante provocativo, o de priorizar a leitura como construção crítica de sujeitos autônomos, capazes não só de lerem textos de diferentes níveis de elaboração, mas também de lerem o mundo (Freire, 1987) a sua volta com uma entonação regida pela criticidade que as práticas de linguagem vêm a nos requerer cada vez mais na sociedade contemporânea.

Além de tatearmos as preferências e resistências dos alunos durante esse período, buscamos investigar a partir do lugar privilegiado de participantes-observadores o trabalho com a língua travado nas aulas. Entre os diversos diálogos, leituras e atividades realizadas durante esse período, o que nos chamou mais atenção foi o enfoque *epilinguístico* predominante nas aulas (com base em Geraldi, 1997). Percebemos que a linguagem foi abordada não a partir de “uma reflexão analítica sobre os recursos expressivos, que levam à construção de *noções* com as quais se torna possível categorizar tais recursos”, mas alicerçada numa reflexão que tinha como objetivo “o uso dos recursos expressivos em função das atividades linguísticas em que [o sujeito] está engajado” (Geraldi, 1997, p. 190-191). O engajamento dos alunos era conquistado a partir de atividades e leituras coletivas<sup>4</sup> que suscitavam discussões que perpassavam desde o contexto histórico e biográfico, às escolhas lexicais, sintáticas e estruturais dos textos lidos e/ou produzidos pelos alunos. A análise linguística era sempre unida ao uso real da língua, evidenciando que o trabalho com a linguagem acontece em situações concretas.

Do mesmo modo, em paralelo aos trabalhos realizados em sala, os alunos do 9º ano foram convocados a realizar diários de leitura de um livro escolhido por eles como atividade extraclasse. Dentre as opções de leitura tinha-se *Diário de Anne Frank*, de Anne Frank, e *Feliz ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Semanalmente eram levantadas discussões pela professora sobre a feitura dos diários em que os alunos colocavam questionamentos suscitados sobre o livro lido e sobre o ato de escrever um diário. Tais diálogos envolviam desde questões sobre a estrutura específica de um diário de leitura, bem como sobre o seu conteúdo e seu caráter intimista, subjetivo e reflexivo.

Ao mesmo tempo em que pudemos perceber o estabelecimento conjunto das características de um gênero discursivo, vimos também um cuidado em relação à ‘coisificação’ do gênero, considerada a tendência de haver um ofuscamento das suas possibilidades de produção, priorizando, na maioria dos casos, a sua estrutura composicional. “[...] para que a mercadoria se tornasse palatável ao sistema, foi preciso esquecer a estabilidade relativa dos gêneros [ ]. Os gêneros passam a ser ‘entes’ e não processos disponíveis para a atividade discursiva que se realiza no interior das esferas da atividade humana.” (Geraldi, 2009, p. 79).

Em vistas de manter em aberto a porosidade do fazer do diário de leitura, a professora apontava para os fatos de que o uso da linguagem ultrapassava a mera repetição, incluindo

---

<sup>4</sup> Neste momento em que observamos o andamento das aulas, a obra que serviu de base para as leituras coletivas foi *Hibisco Roxo* (2003), da Chimamanda Adichie.

a criatividade linguística e, além disso, de que qualquer gênero discursivo, mesmo que dotado de características específicas, não é uma construção fechada e acabada, o que entendemos convergir com o aporte teórico-metodológico de base histórico-cultural que embasou nossa ação no período de regência experienciado.

### **Um passo mais à frente: planejar**

Um segundo momento do estágio de docência foi o planejamento. O processo pedagógico de planejar está alinhado a uma delimitação de um eixo vinculado a um objetivo geral a ser alcançado; à seleção de atividades e materiais norteadores para o processo de aprendizado; e à localização dessas atividades numa sequência pedagógica coerente e orientada para a aprendizagem (Pacca, 1992). Assim, alinhados a esse pensamento, consideramos o planejamento como etapa de grande relevância para os processos de ensinar e aprender, na medida em que são alinhados objetivos a serem atingidos através de uma metodologia específica, unindo concepções teórico-práticas para o exercício do fazer docente.

Para tanto, partimos da concepção de aula como evento único (Geraldí, 2010) e que toma por objetivo o encontro (Ponzio, 2010). Para Geraldí (2010), uma aula pode ser definida como um encontro ritual em que há apropriação de saberes desde uma relação triádica entre os alunos, o professor e o conhecimento. Dessa forma, para que essa proposição realmente aconteça, faz-se necessário que os alunos se engajem como sujeitos que participam da construção do saber proposto em aula. Para tal, é importante que o ensino constantemente direcionado pelo professor permita ao aluno chegar à apropriação, pois aprender, segundo Irigoite (2015), “é trabalhar com a instabilidade; é percorrer caminhos inexistentes porque eles se fazem no percurso; é tomar o acontecimento como lócus donde vertem as perguntas sobre o vivido.” (Irigoite, 2015, p. 42).

Nesse sentido também recorreremos a Ponzio (2010), que situa o encontro como único e irrepitível. Isso porque cada encontro é constituído por sujeitos singulares situados historicamente. Cada sujeito está imerso em um complexo de signos que foram antes de outrem e tornam-se seus, proferidos em interpelação aos outros em forma de diálogo. Fora do enunciado concreto não há signo: o enunciado, como unidade da comunicação concreta viva, “[...] comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros.” (Bakhtin, 1997, p. 295). Cada um, nesse sentido, apropria-se dos conceitos à sua maneira, posicionando-se a partir de seu ato singular (Ponzio, 2010), marcado pela multiplicidade de entonações que o interpenetra e pelo seu próprio tom emotivo-volitivo.

O conceito bakhtiniano de ato responsável também ocupou lugar central no processo de elaboração do nosso planejamento. Para Bakhtin (2010), quando alguém é convocado pelo outro a pensar e a agir no mundo, assim como entendemos que precisa acontecer em uma aula, é convocado do seu lugar singular, que constitui sua assinatura. Ser responsivo, nos dias atuais, é superar a crise de ausência do outro (Miotello, 2011) e admitir que eu preciso do outro para constituir a mim mesmo. A escola, portanto, configura-se como um espaço fundamental para promoção do ato responsivo, um local de conexão entre compreensão e ausculta, mas ausculta que cala fundo (com base em Ponzio, 2010), que

reflete, que modifica.

O ideário bakhtiniano toma o enunciado, portanto, como unidade real da comunicação discursiva (Bakhtin, 1997), que se manifesta tanto na oralidade como na escrita, nos mais variados gêneros discursivos. Esses, por sua vez, são definidos como formas relativamente estáveis de enunciados, têm sua diversidade infinita porque são inesgotáveis as possibilidades de dizer na atividade humana por meio da linguagem (Bakhtin, 1997, p. 280).

O gênero, assim, traz o novo, a singularidade, a impermanência, articulado, ao mesmo tempo, à generalidade, à permanência. Essa tensão constante faz surgir, a cada instante, novas formas de interação, novos enunciados e novos gêneros discursivos, que, através do tempo, vão incorporando e modificando certas características com base na situação em que o texto ganha materialidade. Ao direcionarmos nosso olhar para defesa de uma educação centrada no bojo das diferentes práticas de linguagem, aberto a aprendizagens, sem definição prévia e fixa de pontos de chegada, valorizando mais o processo do que o produto (Geraldí, 2009, p. 78), acabamos por materializar as bases que fundamentam o ideário histórico-cultural que vimos defendendo ao longo deste artigo. Desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (1998), há mais de duas décadas, já se enfatizava a necessidade de o professor ampliar as vivências de seus alunos com a diversidade global de gêneros discursivos disponibilizados para a formação dos sujeitos nos diversos campos da vida social, além de direcionar o olhar docente para o percurso em que nossa atuação se torna indispensável, o da formação de leitores e produtores de textos críticos desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Enaltecemos, desse modo, um ensino de Língua Portuguesa concretizado por meio dos gêneros discursivos, fundamentando a relevância da participação discente nas diferentes práticas de linguagem que vão muito além do espaço escolar. Movendo-nos através de tal envergadura teórica, englobamos em nossas aulas os eixos de oralidade, leitura, produção textual e análise linguística, considerados por nós como fundamentais nos processos de ensinar e aprender por meio da linguagem, tanto quanto na horizontalização das práticas sociais de nossos alunos.

Tendo em vista nosso planejamento e em consonância com o conteúdo programático das aulas para o 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da UFSC, ficou ao nosso encargo elaborar atividades didáticas partindo do gênero discursivo entrevista. Pretendemos, assim, uma abordagem que leve em conta os conhecimentos culturais, históricos, linguísticos e artísticos próprios e experienciados das/nas aulas de Língua Portuguesa.

Evidentemente que o trabalho com entrevista em sala de aula, além de articular todas as esferas de conhecimento mencionadas, também envolve o próprio gosto pela leitura e produção textual nos seus possíveis desdobramentos, desde implicações que envolvem subjetividade, bem como a disponibilidade apresentada pelos alunos a 'se abrirem para o novo e para o diferente'. Assim, escolhemos apresentar as entrevistas, escritas e orais, de distintas esferas e com vozes pluralizadas. Para isso, selecionamos textos, vídeos e demais materiais pensando na vivência comum de alunos de um nono ano do ensino fundamental de uma escola pública federal. Quais suas preocupações e interesses? De que modo eles têm contato com esse gênero? Como podemos abranger seus conhecimentos para além da funcionalidade e do seu contexto mais imediato? De que maneira podemos fundamentar

a complexidade linguística e histórica envolvida na produção desse gênero?

Recorremos, portanto, a aulas expositivas-dialogadas, mescladas com atividades que convocassem os alunos à participação ativa durante todo o processo de discussões proposto. Embasados no Projeto Político Pedagógico – PPP do Colégio de Aplicação da UFSC, entendemos que o educando deve ser, em sala de aula, “um coautor, um sujeito capaz de reconstruir o conhecimento e posicionar-se diante de diferentes discursos que circulam socialmente.” (Projeto Político-Pedagógico, p. 14, 2019).

O trabalho com o gênero entrevista, em nossa abordagem, foi delineado como um dispositivo de produção de textos a partir de uma ótica discursiva, situado sócio historicamente e como prática de linguagem que se define por uma dada configuração enunciativa que a singulariza. Em adição, reconhecemos a diversidade de "sub gêneros" que compõem a entrevista, os quais correspondem a funções bastante diversificadas: entrevistas de programas televisivos, entrevistas nas esferas jornalísticas, entrevistas de pesquisa acadêmica, apenas para citar algumas. Desse modo, os diferentes objetivos e funções de cada modalidade de entrevista - divertir, informar, entreter, avaliar - amplifica o campo de ensino aos estudantes para efetiva imersão nesta prática social.

A oralidade, modalidade da língua que materializa o diálogo e é bastante predominante nas entrevistas, embora muitas vezes escamoteada, tende a contribuir substantivamente na formação de sujeitos que se posicionam e se engajam nos debates cotidianos. Engloba, para além disso, a necessidade de ouvir o outro, processo fundamental para a formação do eu e, em igual medida, para promover o encontro com a alteridade.

A avaliação foi realizada durante todo o processo trilhado, levando em conta a integridade de ações diante de nossa concepção de ensino, que focaliza a alteridade e as reações-resposta que os alunos proferiram nas diferentes interações. Para tanto, levamos em consideração: (i) Frequência, postura e participação nas aulas; (ii) Engajamento nas discussões, trazendo experiências, dúvidas e apontamentos; (iii) Realização das produções textuais propostas pelas docentes; e (iv) Atividade final escrita. Entendemos que esses elementos constituem a base para resposta a que nos reportamos acerca do encontro, solicitando-nos constante engajamento junto dos alunos e do modo como pensamos as discussões para o período de regência, tendo como foco a apropriação pelos estudantes dos recursos léxico-gramaticais que compõem o gênero entrevista, fortalecendo o processo de constituição da autoria e da sua materialização por meio da leitura e da escrita.

### **Trilhas alçadas: chega-se à docência...**

Para alcançarmos o propósito de facultar aos alunos novas experiências com a linguagem por meio da entrevista, decidimos nos basear em temáticas afinadas aos interesses prévios dos alunos do 9ºC. Apoiando-se em uma sondagem sobre os interesses culturais dos discentes realizada em nosso primeiro dia de observação, constatamos uma grande afeição pelo gênero musical rap e gêneros dele derivados. Desse modo, tomamos como ponto de partida o documentário *Amarelo - É tudo pra ontem*<sup>5</sup>, idealizado pelo rapper

---

<sup>5</sup> O documentário *AmarElo - É Tudo Pra Ontem* explora todo o processo de criação do projeto AmarElo, do músico e militante negro, Emicida. Criado em estúdio e disponível na plataforma de streaming *Netflix*, AmarElo

Emicida. Nessa obra audiovisual, o rapper procura reescrever o lugar do negro na Semana de Arte Moderna de 1922, por meio da exibição de seu show no Theatro Municipal de São Paulo. Através de fatos históricos que ficaram nas bordas dos acontecimentos artísticos-políticos daquele ano, o documentário estabelece uma incursão histórica a contra pelo do papel do negro naquele momento, que produziu uma reviravolta nos rumos da produção artística brasileira, antes totalmente submissa aos padrões das colônias europeias.

Dessa maneira, através da temática do modernismo brasileiro, que busca instaurar uma arte propriamente nossa, engolindo o estrangeiro para depois expeli-lo, colocando-nos no centro de nossa produção cultural, Emicida realiza alguns deslocamentos entre o periférico e o central. Primeiro, ele coloca os negros como autores deste momento, que é um marco na história brasileira. Para depois, ao levar a periferia ao Theatro Municipal em seu show, espaço historicamente elitizado e embranquecido, promover uma invasão da margem ao centro na própria produção do documentário. Desde o movimento artístico do rap, o muro, que antes deixava os negros e marginalizados fora desse espaço físico-político, é ultrapassado.

Inspirados por esse documentário, trabalhamos o gênero entrevista trazendo para o debate possíveis ressignificações que essa discussão tende a gerar em cada um: deslocamentos entre o marginal e o central. Sabemos que o tema do central e do periférico remonta nossa história colonial. Apesar de antiga, atualmente essa história toma novas formas devido à inovação inerente ao campo artístico, ao crescimento das grandes cidades e a massificação da indústria cultural. Para além do rap, perpassamos também em nossas aulas por outras formas de marginalização, sempre em tensionamento, dentre as quais podemos citar a poesia marginal, a mulher na Literatura, a literatura nortista, buscando trazer ao centro de nosso trabalho com a entrevista, narrativas excluídas dos discursos socialmente consolidados.

Esse movimento constituiu, em acordo com a base histórico-cultural que fundamentou nossas ações nas aulas, a consolidação de um trabalho voltado à reflexão de olhares outros para escrita dos diferentes autores de nossa Literatura. É preciso que facultemos aos sujeitos condições para refletirem sobre diferentes enunciados em diferentes esferas da atividade humana para além dos espaços pelos quais transitam no tempo em que vivem, o que implica relação direta com a historicidade dos interactantes, compreensão por parte dos estudantes da configuração que a palavra outra (Ponzio, 2010) assume em tais enunciados, além de outras especificidades que perpassam questões econômicas e culturais mais amplas.

### *Deslocamentos entre o marginal e o central: o rap e a poesia marginal*

Iniciamos, assim, nossa docência. A contextualização do rap selecionado junto da reprodução de trechos do documentário supracitado constituíram o objeto de nossa primeira aula. A proposta foi apresentar o conceito de culturas marginalizadas naquela letra e relacioná-lo à entrevista como um gênero que pode dar espaço ao excluído. Assim,

---

foi apresentado no Theatro Municipal, em São Paulo, 2019, em um show que abordou a história da cultura negra no Brasil.

propusemos uma atividade que exigiu uma reflexão individual dos alunos para alcançarmos nosso objetivo. As perguntas que integraram a atividade foram: “(i) Qual a relação entre o samba e o *rap* proposta no documentário?; (ii) Qual a relação entre a história do povo negro do Brasil e a Semana de Arte Moderna de 1922? (iii) A partir do título do documentário “AmarElo” é possível inferir que o amor para o idealizador da obra é composto pela ação de criar elos e pela cor amarela. Para você, de que cor é o amor e por quê? (iv) Elabore uma pergunta em formato de entrevista ao rapper Emicida a partir de questões suscitadas pela obra”.

Os resultados da atividade nos trouxeram grande satisfação, pois a partir dela pudemos perceber o estabelecimento do encontro das professoras e dos alunos materializado em algumas respostas, principalmente à pergunta (iii). Isto porque, além de ficar nítida a apropriação do conhecimento e das reflexões pelos estudantes, vimos uma abertura deles para se afetarem pelas transmissões, trazendo através das respostas suas singularidades, subjetividades e marcas de autoria. Ressaltamos algumas respostas à pergunta (iii): “Para mim a cor do Amor é um Azul claro, não sei o porque<sup>6</sup> mas quando falam do amor eu imagino um Azul clarinho da cor do céu, acho que quando olho para o céu sinto uma Paz e quando alguém demonstra amor eu sinto uma Paz igual a cor do céu”; “Para mim, o amor é verde, porque quando estamos felizes nós percebemos melhor as coisas e vemos o verde do mundo, as matas, a água dependendo do dia, etc. Para mim o verde é a cor da vida.”; e “Azul, pois é a cor do céu e do mar, e isso me deixa feliz quando o vejo. Grêmioo!!!”.

Nas aulas seguintes, buscamos adentrar nas características recorrentes do gênero entrevista em si, sempre em relação a outras obras, visando aprofundar a ideia de que os diferentes gêneros discursivos se relacionam entre si e com as produções culturais em circulação. O primeiro contato com o gênero em questão se deu na apresentação de entrevistas audiovisuais de entretenimento. Exibimos duas entrevistas diferentes do *rapper* Emicida, uma no *Programa do Jô* e outra no *Provocações*. A partir das reproduções, propusemos análises comparativas acerca da criatividade, estilo e autoria do entrevistador. Nesse processo percebemos um grande engajamento e participação dos alunos, que demonstraram compreender o papel do entrevistador a partir das diferenças e semelhanças entre as entrevistas analisadas, as quais, mesmo que inseridas num contexto muito semelhante, produziram diferentes reações-respostas do entrevistado.

Em continuação ao debate, expusemos a partir de análises críticas e dialogadas, ao longo de duas aulas, conteúdos sobre a poesia marginal e sobre o álbum *Sobrevivendo no Inferno* do grupo *Racionais MC's*<sup>7</sup>. Alicerçados na apreciação de músicas, poemas e artes visuais, procuramos construir junto aos alunos um olhar aguçado imbuído de ferramentas analíticas em relação ao campo artístico. Além da ampliação do repertório cultural e do aprofundamento da capacidade crítica dos alunos, o trabalho com tais produções culturais

<sup>6</sup> Manteremos a grafia das palavras tal qual apareceram nos registros compartilhados conosco pelos alunos.

<sup>7</sup> Racionais MC's é um grupo brasileiro de *rap* formado por: Mano Brown, Ice Blue, KL Jay e Edi Rock. *Sobrevivendo no Inferno* (1997) é o álbum de maior impacto cultural do grupo. Defendido na tese de Acauam Silvério de Oliveira, *O fim da canção? Racionais MC's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro*, como o álbum responsável por mudar a percepção social sobre a identidade do sujeito periférico no Brasil. Em 2020 este álbum foi selecionado como uma das obras obrigatórias do vestibular da Unicamp.

nos deu ensejo para a leitura de uma entrevista da pensadora, filósofa e militante Sueli Carneiro<sup>8</sup> para a revista *Cult*, intitulada *Sueli Carneiro: sobrevivente, testemunha e porta-voz*. Essa entrevista possibilitou um primeiro contato com as características estruturais de uma entrevista escrita — chamamos a atenção para a construção do título, abertura, foto do entrevistado, indicação das perguntas e das respostas, entre outros. Na leitura coletiva do texto, além de estudarmos sobre a estrutura desse gênero dentro do viés jornalístico, discutimos junto aos alunos as temáticas do racismo e da marginalização.

Após o estudo e apreciação das características de algumas entrevistas orais e escritas, acreditamos ser fundamental levar os alunos à atividade prática. Isso porque, acreditamos que “centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala.” (Geraldi, 1997, p. 165). Assim, propusemos a realização de uma entrevista em duplas a partir do tema “Exclusão no ambiente escolar”. Para consolidação da atividade, cada participante da dupla deveria elaborar perguntas para fazer ao colega e também responder às perguntas feitas por ele, experimentando, desse modo, as posições tanto do entrevistador como do entrevistado. Para além disso, solicitamos a gravação de áudio das entrevistas para posterior transcrição. Foi uma atividade bastante conturbada, devido à necessidade de realocação do ambiente e dos ruídos, mas percebemos os alunos bastante animados para a atividade prática, o que contribuiu efetivamente para a riqueza do processo e seu posterior resultado final.

Após a entrevista, na aula seguinte, os alunos realizaram as transcrições em sala de aula com nosso constante acompanhamento e intervenção. Foi uma atividade que se mostrou muito interessante para a nossa formação e para a dos alunos. As atividades práticas possibilitaram uma elaboração do conteúdo ministrado, tanto do tema da marginalização, como das etapas constitutivas de uma entrevista, que envolvem embasamento, formulação, realização, transcrição e retextualização.

Reforçamos, portanto, que a efetivação do encontro por nós vivenciado levou-nos, estagiárias e alunos, ao calar da auscultação (Ponzio, 2010), à unicidade que nos singulariza como sujeitos, à palavra gestada na alteridade, o que tanto docentes como discentes demonstraram no percurso. Insistimos que é somente nessa relação que vivem as diferentes formas do calar, referendadas na palavra outra pela vivência com a outra palavra, contrárias à homogeneização do universo em que os signos têm lugar, porque não coincidentes com as relações de identidade, como ponderado por Ponzio (2013).

### *O gênero discursivo entrevista como alicerce para o encontro com a alteridade: a mulher na Literatura e Monique Malcher*

Um segundo eixo temático, não deixando de estar conectado ao fio condutor de nossas discussões acerca dos deslocamentos entre o marginal e o central, foi o da figura

---

<sup>8</sup> Sueli Carneiro é filósofa, escritora e ativista antirracista do movimento social negro brasileiro. É doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e a primeira mulher negra a receber o título de doutora honoris causa da Universidade de Brasília. É fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil.

da mulher no campo da Literatura. Delineamos um breve histórico, salientando as dificuldades e as lutas perpassadas até os dias atuais. Trouxemos nomes como Nísia Floresta (1810-1885), uma das primeiras mulheres no Brasil a publicar textos em jornais da chamada “grande” imprensa; e Rachel de Queiroz (1910-2003), primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

As aulas expositivas, mas sempre dialogadas, incitavam inquietações acerca do processo de marginalização da autoria feminina. Num movimento de provocação, questionamos: “Vocês acreditam que há, hoje em dia, desafios para a mulher na Literatura?”, o que silenciou muitos dos alunos e suscitou a resposta de outros. Atualmente, a literatura feita por mulheres envolve a conquista da identidade e da escrita, no embate a uma ideologia dominante que a manteve sempre nas margens da cultura. Superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimos masculinos e de repressão de desejos e identidades próprias, a literatura de autoria feminina engaja-se num processo de reconstrução da categoria “mulher” para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante (Teixeira, 2008, p. 45).

Ainda no levantamento de problematizações no âmbito da marginalização cultural, chegamos, então, à Monique Malcher<sup>9</sup>: mulher, nortista e escritora. A autora, contatada por nós, concedeu-nos um momento de entrevista a ser realizado pela turma. Para este evento, porém, houve uma preparação, a começar por uma contextualização e imersão em sua obra, conduzindo-nos à elaboração de um roteiro e chegando, enfim, ao momento da entrevista propriamente dita. Considerando a função social e as características relativamente estáveis de uma entrevista, como pontuado por Rocha *et al*, percorremos três momentos pertinentes à complexidade que esse gênero requer:

o momento da preparação da entrevista: momento em que, lançando mão dos saberes que possuímos acerca do outro e com base em objetivos determinados, produzimos uma espécie de “roteiro” [...]; o momento da realização da entrevista: situação que estará assentada nas bases definidas por um roteiro [...] sob o signo da interação entrevistador – entrevistado[...]; o momento que se segue à entrevista: situação na qual o pesquisador estará em condições de finalmente decidir sobre um corpúsculo [...] a partir do conjunto de textos produzidos (Rocha *et al*, 2004, p.16-17).

Na sequência, apresentamos aos alunos uma biografia da escritora, bem como uma entrevista feita a ela. A sua obra *Flor de Gume*, ganhadora do Prêmio Jabuti (2021) na categoria contos, passou de mão em mão, materializando-se sob o olhar dos alunos. Foram selecionados previamente contos lidos de forma coletiva em sala de aula. Assumimos a leitura como um processo cultural que envolve a interação entre autor e leitor por meio de textos enunciados para a produção de sentidos (Koch; Elias, 2012). Junto dessa ótica, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, (2019) nos diz que o eixo da Leitura:

---

<sup>9</sup> Monique Malcher de Carvalho (Santarém, PA) é uma escritora, jornalista, antropóloga e artista plástica brasileira. Graduiu-se em jornalismo em 2013 pela Universidade da Amazônia (UNAMA), concluiu seu mestrado em antropologia em 2018 pela Universidade Federal do Pará (UFPA), e atualmente cursa doutorado em ciências humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

[...] compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; [...] conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes [...] dentre outras possibilidades (Brasil, 2019, p. 71).

O desenvolvimento desse sujeito crítico e autor de sua própria história passa, assim, pela “formação do leitor crítico, capaz de interpretar e ressignificar sentidos de diversos textos, a partir de sua realidade e de seus conhecimentos de mundo” (Colégio de Aplicação, UFSC. Projeto Político-Pedagógico, p. 14, 2019). Para tanto, nas leituras coletivas, como bem defendido por nós, foi desenvolvida a leitura integrada à análise linguística. Enquanto a voz de um aluno ia ecoando as palavras de *Flor de Gume*, realizávamos pausas, recuos, demarcações de construtos espaço-temporais, além de enfatizar o uso de figuras de linguagem, vocábulos pertencentes ao dialeto paraense e construções sintáticas próprias da autora. Posicionamo-nos, ademais, a favor de facultar aos nossos alunos o direito à infuncionalidade das aulas de português, como pensado por Cerutti-Rizzatti e Irigoite (2015), capaz de propiciar o encontro (Ponzio, 2010) e a fruição da/na leitura, processo que reflete uma abertura não-indiferente, como proposto pelo filósofo italiano, olhar compatível ao de nossa defesa aqui, e constitutivo da singularidade de cada um.

Caminhamos, após, para a elaboração das perguntas a serem realizadas à Monique. Mediamos essa produção da seguinte maneira: em duplas, os alunos receberiam um quadro de eixos temáticos e deveriam produzir, de forma condizente, perguntas à autora. Os eixos temáticos perpassavam todas as discussões realizadas até então. Salientamos, ainda, pensando no gênero discursivo entrevista, e neste momento especificamente da esfera jornalística, a importância na elaboração das questões, requerendo cuidado para não haver perguntas absurdas, arbitrarias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas, mas sim relevantes à temática, ao contexto e à profundidade de criação. Entendemos que essa compreensão com o devido cuidado no processo de elaboração das perguntas, deu-nos a oportunidade de (re)conduzir as inter-relações com os alunos, tendo como princípio das aulas de produção textual, foco daquela interação, o auditório social ao qual o texto se volta, atentando-se ainda para a importância de que:

a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor [autor do texto] se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (o que implica responsabilizar-se, no processo, por suas falas); e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (Geraldi, 1997, p.160).

No momento de selecionar as perguntas para o roteiro da entrevista, consideramos que houve a materialização, por meio da produção escrita, dos assuntos desenvolvidos até então. Houve o exercício constante da busca pelo encontro das palavras dos educandos e das nossas palavras. Porém, esse eco de vozes não ocorreu apenas na relação que focaliza o ‘esperado’ dizer do professor em direção aos alunos, mas em igual medida pelas contrapalavras emitidas por eles, com seus tons próprios, na tentativa de demonstrar sua participação numa nova prática oportunizada pela escola, mas nem por isso restrita a ela.

### Quadro 1 – Roteiro de perguntas elaborado pelos alunos para a entrevista

Processo de escrita e criação literária	A mulher na Literatura	Deslocamentos entre o marginal e o central.	Os contos e a obra <i>Flor de Gume</i>	Curiosidades
1) De onde surgiu a ideia de escrever os contos? Teve alguma inspiração? 2) Como foi o seu processo de criação? E a escrita literária? 3) Você fala bastante das cores nos contos, isso tem relação com a sua escrita? Como funciona? 4) Acha que ter uma rotina é essencial para escrever um livro?	5) Você sabia que as mulheres compõem a maioria de leitores, mas a minoria de escritores? O que você acha disso? 6) Quem foi a mulher que te inspirou a entrar no ramo da Literatura? 7) Como você acha que a autoria feminina no Brasil pode ser valorizada?	8) Você acha que por ser do norte do país sua literatura é marginalizada? 9) Quais foram suas maiores dificuldades como escritora?	10) Por que do nome “Flor de Gume”? 11) Você esperava ganhar o prêmio Jabuti? Como você se sentiu?	12) Você é reconhecida nas ruas por ser escritora? Você tem algum hobby além da escrita? 13) Qual seu livro e escritor (a) preferido (a)?

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

[Descrição] Quadro organizado pelas autoras para organizar as perguntas elaboradas pelos estudantes na atividade da entrevista. O quadro divide-se em cinco colunas separadas por temáticas, indicadas respectivamente na primeira linha de cada coluna. [Fim da descrição].

Após a roteirização, chegou, enfim, o dia da entrevista com Monique Malcher. Visando a uma atividade discursiva com propósito e atendendo às razões do dizer, a cada discente foi designado um papel no momento da entrevista, no qual se voluntariaram para tal exercício: foram 13 entrevistadores; 2 auxiliares técnicos; 3 auxiliares de gravação; 1 fotógrafo; e os demais alunos compuseram a “auditório”, com função de assistir, tomar notas e participar da interação com respeito e ausculta.

A escritora, que atualmente reside em São Paulo (SP), disponibilizou uma hora para a entrevista, que ocorreu de maneira *online*, com auxílio da plataforma *Webconf*. Projetamos no quadro a ligação de modo que todos alunos conseguissem interagir. Houve, primeiramente, uma mediação nossa. Logo após, Monique realizou uma breve apresentação sua, seguida pelos alunos, que iniciaram a entrevista propriamente dita. Todas as perguntas foram respondidas com cordialidade e ânimo pela escritora. Na semana seguinte, a autora endereçou um agradecimento aos alunos pela participação e cooperação. A paraense nos retornou muito entusiasmada e contente pela entrevista,

esboçando, nas palavras dela, que as perguntas foram maravilhosas.

Quando cedido espaço aos alunos para que expusessem suas impressões, muitos nos contaram que estavam nervosos por se tratar de uma pessoa que consideram importante. Outros disseram que até mesmo decoraram as perguntas para ficar “mais bonito”. A turma, de modo geral, se portou nessa atividade com respeito e proatividade. Aqueles que não se sentiram confortáveis em realizar oralmente a pergunta à escritora, perceberam-se relevantes ao assumirem outras responsabilidades, como foi relatado por um dos discentes. Este momento, em nossa compreensão, configurou de fato o *encontro*, no sentido ponziano, ao mesmo tempo em que subsidiou todo o percurso desenvolvido na elaboração da atividade discursiva proposta, condizente com nosso programa formativo: o ideário histórico-cultural aqui particularizado

Dando continuidade ao planejamento, adentramos em três aulas priorizando o movimento de análise linguística, eixo fundamental para a formação crítica do aluno nas aulas de Língua Portuguesa. A análise linguística versa não somente sobre aspectos puramente linguísticos e metalinguísticos, mas também sobre questões sociais, culturais e ideológicas que envolvem o ato de dizer (Souza; Alano; Dias, 2019). Partindo dessa formação linguística atenta, os sujeitos tornam-se aptos a observar aspectos muito mais amplos. Realizamos uma reflexão, nessa retomada, acerca da diferença entre a linguagem oral e escrita, tanto quanto da relação que as aproxima em acordo com dado contexto. Em sequência, com base nas produções próprias dos alunos na entrevista sobre “Exclusão Escolar”, esboçamos trechos transcritos por eles e, conjuntamente, realizamos o processo de retextualização<sup>10</sup>, com vias de adequação da linguagem própria que figura numa publicação jornalística. É nesse percurso de intermediação docente, que o interlocutor mais experiente dos alunos, o professor, atua para que o encontro se concretize. A ausculta dos alunos diante das orientações docentes promoveu constante reflexão no processo de reescrita, contribuindo para a constituição da autoria e da resignificação de seus projetos de dizer, como acentuado por Geraldini (1997).

Foram abordados diversos tópicos linguístico-gramaticais, tendo enfoque naqueles que se apresentaram como maior dificuldade dos discentes no processo de transcrição. Por se tratar de um conteúdo muitas vezes desgostado pelos alunos, pensávamos que não haveria interação. Entretanto, a turma mostrou-se bastante participativa, expondo seus próprios conhecimentos discursivos bem como dúvidas e apontamentos, o que se mostra coerente dentro de uma abordagem epilinguística.

Chegamos, enfim, ao último dia de docência. Apresentamos aos alunos a proposta de atividade final em dupla, que consistia, após todo o percurso, na produção escrita de uma entrevista jornalística com base na entrevista feita em sala com a escritora Monique Malcher. Eles deveriam demonstrar, nesta atividade final, a capacidade de escrita mais apropriada ao contexto, por meio da seleção de perguntas, retextualização e construção estética de uma entrevista.

---

<sup>10</sup> Processo de produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, em que faz parte a reescrita e a revisão. Foram apresentadas operações de Retextualização com base em Marcuschi (2001).

## Figura 2 – jornalística alunos

### Entrevista do 9ano com Monique Malcher

Monique Malcher é escritora, jornalista, antropóloga e artista plástica brasileira. Conhecida por ganhar o prêmio Jabuti em 2021 com o livro Flor de Gume.



Entrevistador: Boa tarde, Monique, meu nome é Vitor e a minha pergunta é: Você fala bastante das cores nos seus livros, isso tem relação com a sua escrita? Como funciona?

-Monique: Sim, eu acho que tem muito a ver... Eu amei essa pergunta, porque tem muito a ver com o meu trabalho de artes visuais, como eu escrevo, está conectado como eu vejo as coisas, então eu geralmente escrevo visualizando a cena, então quando eu estou escrevendo ali um conto que se passa na casa da mãe e a filha tá indo lá visitar a mãe, antes de escrever eu faço alguns exercícios, eu tenho um caderninho, eu tenho vários cadernos em que eu não escrevo muito neles, eu desenho bastante neles, escrevo pouca coisa, mas nos cadernos eu uso mais para desenhar, então eu desenho os cenários, de algumas cenas, não de todas, tem algumas coisas que eu acho importantes, tipo... Um conto que vai falar sobre a visita da filha à casa da mãe, na casa em que ela cresceu, daí eu vou desenhar as coisas, e penso que cores têm os objetos, quais são as cores que se sobressaem.

## Entrevista elaborada pelos

**Fonte: Própria das autoras (2023).**

[Descrição da imagem] Imagem de uma das entrevistas elaboradas pelos alunos diante da proposta. A imagem apresenta a escritora Monique Malcher, cabelos pretos, longos, com franja e usando óculos, enquanto segura o prêmio Jabuti de Literatura. Ao lado da imagem da autora segue a entrevista escrita pelos alunos [Fim da descrição].

Como podemos constatar com base na produção textual dos discentes, houve um processo de imersão e de apropriação dos conteúdos propostos, tanto no que tange às características relativamente estáveis de uma entrevista, quanto às temáticas perpassadas em nosso período de regência: ficam nítidas, para nós, as contrapalavras dos alunos, refratadas no calar fundo (Ponzio, 2010) e na atenção que demonstraram no percurso.

Nossa atenção para a questão a que nos propusemos discutir ao longo deste artigo sinaliza para a concretização do encontro de todos os envolvidos no processo, docentes e discentes. Evidentemente, dada a singularidade que constitui a cada um de nós, o modo que o percurso significou para cada um dos envolvidos mostrou-se diferentemente, justamente pelo fato de a subjetividade humana refratar nas diferentes interações as vivências que até então carreamos conosco. A apropriação de discussões teórico-metodológicas de base histórico-cultural foi primordial para as costuras que foram efetivadas em nossas aulas. Isso porque, nas novas vivências estabelecidas, houve, desde o início da relação com o objeto de conhecimento, e com o outro, uma disponibilidade para o envolvimento sem alibi, assimétrico do ponto de vista da incompatibilidade com qualquer imposição premida pela identidade (Ponzio, 2014), e gestado na/pela ausculta, voltado à compreensão respondente de nosso alunado. Não há, assim, qualquer tentativa de sobreposição de um centro de valor sobre outro, porque a singularidade que penetra os sujeitos e os enunciados, ao mesmo tempo em que se mostra única em cada situação, é

indiscutivelmente não-indiferente à palavra outra, olhar coerentemente ecoado na ótica bakhtiniana e ponziana, refratado por nós ao longo de todo esse processo reflexivo.

### Considerações finais

Em todas as etapas que trilhamos neste percurso como estagiárias docentes e professor orientador, defrontamo-nos com a primazia praxiológica: não existe teoria sem prática, ao mesmo tempo que não existe prática sem teoria. Começando pela observação, momento de primeiro contato com a turma, sentimos a necessidade de criar vínculos, levando em consideração as vivências e características de cada sujeito. Ademais, devido a bagagem que carregamos nas discussões na formação do curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas, além de nosso posicionamento como pesquisadores da área de Linguística Aplicada e também da Literatura, assistimos como ocorre o tensionamento no ensino de Língua Portuguesa por meio dos eixos de oralidade, leitura, produção textual e análise linguística.

Tomando ainda como base as concepções epistemológicas e metodológicas que deram suporte ao nosso fazer docente, centramo-nos em um segundo momento na consolidação de um planejamento completo, com objetivos claros, abarcando os eixos supracitados e priorizando a pluralidade de vozes emergentes na sociedade, sobretudo mediante ao nosso tema norteador: *deslocamentos entre o marginal e o central*. Nesse sentido, o gênero discursivo entrevista, inserido nas múltiplas esferas da atividade humana e nas suas diferentes funções sociais, foi trabalhado de maneira ampla e discursiva.

No momento da regência, então, vimo-nos preparados para imersão no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Pudemos refletir acerca da experiência docente, o que inclui nossa própria postura, as relações com os alunos e a abordagem de ensino preconizada. Percebemos, ainda, a dinamicidade de interações em uma sala de aula e de que modo nosso planejamento se insere em um espectro de possibilidades, reconhecendo a diversidade de aspectos inesperados que surgem, como perguntas, ações, posicionamentos, aceites e recusas.

Apesar de alguns percalços próprios das relações educacionais, a atuação nos permitiu, primeiro, o encontro (Ponzo, 2010) com alunos engajados e em constante formação, que se mostraram críticos, participativos e, sobretudo, únicos, consideradas as singularidades que os identifica como tal. Enxergar o educando, em suas potencialidades e fragilidades, e tentar auxiliá-lo com atenção a fim de uma apropriação é fundamental. Todavia, o ensino que ensejamos anseia mais do que isso: uma formação humana, dentre tantas complexidades que uma formação dessa natureza tende a requerer. O retorno que os alunos nos deram na avaliação final do estágio corrobora nosso esforço. Em uma das questões, questionamos sobre as percepções em nossa atuação como professores e no conteúdo trabalhado e obtivemos respostas como as relatadas nos trechos a seguir:

Eu achei positivo o método de ensino e o jeito que elas conseguiram “falar”.

O jeito que elas tratam a gente.  
Achei muito legal a ideia de fazer a entrevista com a Monique, de podermos falar com ela, construir as perguntas.

Foi muito legal, melhorei a escrita.

Eu adorei a entrevista com a Monique, vocês trouxeram uma leitura para a gente conhecer. E gostei que vocês deram várias oportunidades para lermos.

A determinação para ajudar nas dúvidas.

Demarcamos, sobretudo, que a apropriação de teorias de base histórico-cultural ao longo de nosso processo formativo na Universidade consolidou o encontro (Ponzio, 2010) nas aulas de Língua Portuguesa no percurso de estágio realizado. A complexidade da questão nos convidou a olhar os alunos como sujeitos singulares, que pertencem a uma cultura, mas a ela não se conformam; agem, constituindo-a, ao mesmo tempo em que por ela são constituídos (com base em Vygotsky, 2012; Geraldi, 2010). O ato de pensar exigiu que pensássemos o outro e que o outro pensasse em nós. Entendemos residir aqui o que nos move como pesquisadores e profissionais da linguagem na busca por uma educação linguística cada vez mais qualificada e promissora num país como o Brasil.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 155p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2019.
- CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth & IRIGOITE, Josa Coelho da Silva. A aula de português: sobre vivências (in)funcionais. **Alfa**, 59 (2), São Paulo, 2015. p. 255-279.
- COLÉGIO DE APLICAÇÃO, UFSC. **Projeto Político-Pedagógico** [recurso eletrônico]. Florianópolis, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1987.

- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GERALDI, João Wanderley. **Deslocamentos no ensino**: De objetos a práticas; de práticas a objetos. Mesa-redonda “Gêneros discursivos e Ensino”, CELLIP, Cascavel, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos/ SP: Pedro e João Editores, 2010.
- IRIGOITE, Josa Coelho da Silva. **Aula de Português como encontro entre a outra palavra e a palavra outra**: um estudo sobre a ecologia da apropriação da escrita na esfera escolar. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- MIOTELLO, Valdemir. **Discurso da ética e a ética do discurso**. São Carlos/SP: Pedro e João, 2011.
- PACCA, Jesuína Lopes de Almeida. O Profissional da Educação e o Significado do Planejamento Escolar: Problemas dos Programas de Atualização. **Revista Brasileira de Ensino de Física** Vol. 14 (1), p. 39 – 44, 1992.
- PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- PONZIO, Augusto. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 330p.
- PONZIO, Augusto. Identidade e mercado de trabalho: dois dispositivos de uma mesma armadilha mortal. In: MIOTELLO, V.; MOURA, M. I. [Organizadores] **A alteridade como lugar da incompletude**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 49-94.
- ROCHA, Décio; DAHER, Maria. D. & SANT’ANNA, Vera L. A. **A entrevista em situação de Pesquisa Acadêmica**: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia*, [S. l.], v. 8, n. 08, 2004. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1132>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- SOUZA, Liliane V.; ALANO, Natassia D. & DIAS, Sabatha C. Análise linguística integrada à leitura: contribuições para a prática docente em língua portuguesa. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 1, p. 39-56, jan./mar. 2019.
- TEIXEIRA, Níncia Cecília R. B. **Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone**

**literário na pós-modernidade:** cenas paranaenses. Guarapuava: Unicentro, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. In: COLE, Michael et al (org.). Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas:** problemas del desarrollo de la psique. Tomo III. Madri: Machado Nuevo Aprendizaje, 2012.

## NOTAS DE AUTORIA

**Anderson Jair Goulart** é doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professor Adjunto de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa, Estágio Supervisionado I e Estágio Supervisionado II em Língua Portuguesa e Literaturas, vinculado ao Departamento de Metodologia de Ensino- MEN, do Centro de Ciências da Educação- CED/UFSC.

**Daniela Campregher** é licenciada em Letras- Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora de Língua Portuguesa e Literatura na Rede Estadual de Santa Catarina.

**Waléria Nunes** é bacharelada e licenciada Letras- Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura- PPGLit da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC.

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

GOULART, Anderson Jair; CAMPREGHER, Daniela; NUNES, Waléria. Da Prática amparada pela teoria em língua portuguesa: um olhar histórico-cultural na busca pelo encontro em experiência docente. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 15, n. 1 p. 95-115, 2024.

### Financiamento

Não se aplica.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons

Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### **Publisher**

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista Sobre Tudo. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

### **Histórico**

Recebido em: 26/03/2024

Aprovado em: 06/06/2024

Publicado em: 11/07/2024